

Fábrica de Moagem do Caramujo

Um testemunho com 103 anos de existência



Caramujo - Fábrica de Moagem Aliança

A partir do séc. XIX, com o advento da Revolução Industrial, o núcleo da Cova da Piedade conheceu um período de forte desenvolvimento e, conseqüentemente, profundas transformações que marcaram definitivamente a sua imagem.

Composto, na maior parte da sua área, por terrenos alagadiços com valas abertas, não se revelava propício à expansão habitacional, mas tornava-se ideal para a instalação de unidades fabris, devido aos seus baixos preços, áreas extensas de lote e perfeitamente delimitadas pelas quintas já existentes. Por outro lado, a proximidade do rio, com a possibilidade de construção de cais próprio, permitia um rápido escoamento fluvial dos produtos para Lisboa.

"O imóvel representou na época da sua construção uma atitude pioneira de ruptura."

Deste modo, até aos anos 40 do séc. XX, toda esta zona conheceu um florescimento económico, social e urbanístico (que justificou a subida da Cova da Piedade a freguesia em

1928) com a construção de fábricas e armazéns destinados à produção moageira e de cortiça, cujos operários eram essencialmente oriundos das Beiras, Alentejo e Algarve (que, numa época de decadência da Agricultura, acorreram a este local em sucessivas ondas migratórias).

De todo este conjunto fabril, há que destacar o edifício da Fábrica de Moagem, pertencente à família

de António José Gomes e, após a morte deste, à Sociedade Industrial Aliança.

O conjunto localiza-se na antiga Rua Direita do lugar do Caramujo (actual R. Manuel José Gomes), junto ao rio, possuindo um cais próprio, que funcionou plenamente até aos anos 60, altura em que se efectuou o assoreamento do rio como consequência da instalação dos estaleiros navais da Lisnave e do alargamento da Base Naval do Alfeite.

O edifício que hoje existe foi construído em 1898 sobre os destroços do imóvel original datado de 1865 (destruído quase completamente pelo fogo) segundo as tecnologias mais avançadas da época. Surge, então, o 1º edifício construído com uma estrutura em betão armado em Portugal, sob a responsabilidade da casa HENNEBIQUE.

O imóvel representou na época de construção uma atitude pioneira de ruptura, onde foram estruturados sobriamente seis pisos com fundações nos difíceis terrenos nateiros do Tejo.



Maria Rosa Peralta
Sousa Silva *



Manuel Maria Pereira
Larangeira **

O último piso, com cobertura em terraço de planta rectangular - que constituiu outra inovação -, complementava-se com uma toalha de água a descoberto, numa grande área central para reservatório, que servia, ainda, como isolante térmico e protector do cimento.

De implantação trapezoidal - 30m x 28.5m x 25.5m aproximadamente, correspondem estas medidas aos lados de maior dimensão (fachadas principal e posterior). Apresenta uma cêrcea de 27.50 metros.

Os pisos de nível térreo e nível 1 apresentam duas zonas distintas: uma contígua em toda a fachada principal com pé direito duplo e outra estruturada modularmente com pilares de secção quadrada e dois regimes de vãos que definem as dimensões da laje e se vão manter nos restantes quatro pisos.

A fachada reflectia o classicismo vigente nos finais do séc. XIX, caracterizada pela regularidade e simetria de vãos ao longo do alçado; uma acentuação de corpo saliente; duas cornijas que dividiam horizontalmente a composição em três faixas; um pequeno frontão triangular no primeiro pavimento que invoca o eixo vertical da simetria da fachada; o remate superior em platibanda.

A nova fábrica, ao ter herdado um sistema tecnológico moderno da unidade fabril anterior (máquina a vapor e um conjunto de máquinas automatizadas de origem austríaca), vai manter o mesmo esquema básico de organização, em que cada piso representava uma fase diferente da produção.

[Fábrica do Caramujo]

"O seu encerramento contribuiu para o agudizar das patologias já existentes(...)"

Segundo referiu António M. Santos, na sua tese de mestrado, a parte nobre do edifício era guarnecida com paredes apaineladas a estuque e uma cobertura decorada com funções mitológicas alusivas aos trabalhos agrícolas. Deste modo, o "salão" das máquinas prolongava o espaço de leitura que o industrial A. J. Gomes (personalidade culta e viajada) quis imprimir à sua fábrica, num paralelo com outras obras industriais estrangeiras da mesma época.

A garantia da veracidade da atribuição ao atelier do construtor francês Hennebique é confirmada, mais uma vez, pela investigação de António M. Santos, que apresentou, na tese anteriormente citada, as referências documentais necessárias.

Deste modo, localizou na revista *Le Béton Armé* (órgão oficial dos concessionários e agentes do sistema Hennebique) informações técnicas e desenhos sobre a fábrica do Caramujo, logo após a sua edificação, da autoria do engenheiro belga Paul Christophe.

Corroborando as afirmações daquele engenheiro, a semelhança entre outros projectos fabris de Hennebique e o trabalho executado nas vigas e pilares da unida-

de em questão identificam claramente a autoria. Destaca ainda aquele engenheiro belga, no mesmo artigo, três elementos fundamentais de construção: a estrutura de apoio, a fachada e a cobertura, reproduzindo um plano reticular da estrutura do segundo piso, com desenhos técnicos de pormenor (das vigas, laje e lintel), assim como o desenho do alçado principal e a planta do terraço [A. M. Santos, *Para o Estudo da Arquitectura Industrial na Região de Lisboa (1846 - 1918)*, 1996, pp. 292-296].

Já nos anos 60 do séc. XX, as fachadas foram relativamente alteradas e acrescentados os silos, além de terem sido provocados danos irreversíveis após a secagem do lençol de água da cobertura.

A fábrica manteve-se em laboração até ao princípio dos anos 90. O seu encerramento contribuiu para o agudizar das patologias já existentes, aos níveis da cobertura, interiores e salubridade.

A abertura do processo de instrução para a classificação deste edifício foi iniciada pelo IPPAR em 1992 e, em 27 de Março de 1997, obteve a homologação do Ministro da Cultura como imóvel de Interesse Público, com uma área de protecção de 50 metros.



Cobertura da Fábrica de Moagem Aliança

Adquirido pela Câmara Municipal de Almada em 1998, o imóvel está a ser alvo de um estudo cuidado para evitar a continuação da degradação rápida, tendo em vista um futuro projecto de reabilitação.]

Bibliografia:

- FLORES, Alexandre, *Almada Antiga e Moderna*, Freguesia da Cova da Piedade, CMA, 1990.
- IDEM, António José Gomes, *O Homem e o Industrial*, CMA, 1992.
- SANTOS, António Maria dos Anjos, *Para o Estudo da Arquitectura Industrial da Região de Lisboa (1846-1918)*, 2 vol., dissertação do mestrado em História de Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, 1996.

* Licenciada em História, pela Universidade de Lisboa, Chefe de Divisão de Museus, Câmara Municipal de Almada.

** Engenheiro Civil, licenciado pela Universidade de Luanda, Director de Departamento de Obras Municipais e Habitação, Câmara Municipal de Almada.